

SIMPÓSIO AT030

A VISIBILIDADE DO “ESPAÇO ESCOLAR”: UMA ANÁLISE A PARTIR DA SEMIÓTICA DISCURSIVA.

DARIZ, Marion Rodrigues
Universidade Federal de Pelotas - UFPel
mariondariz@gmail.com

Resumo: Este trabalho constitui-se um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento e tem como objetivo apresentar uma análise inicial do texto “espaço escolar” onde a pesquisa está sendo desenvolvida. Espaço este visto como forma de manifestação social, não como “o lugar”, estrutura arquitetônica ou formado por normas que o regem, não delimitado, nem fixo ou estático, mas como um espaço de práticas diárias, onde acontecem trocas, construção e interação permanentes, no qual há integração das diferentes linguagens - verbal e visual e sincrética, constituído um todo de sentido entre interlocutores. Espaço considerado como uma realidade semiótica em construção, apresentado como um enunciado sincrético não pertencente à cadeia da linguagem falada ou escrita, mas que comporta em si várias significações. Como percurso teórico-metodológico de análise, utilizaremos a Semiótica Discursiva de Greimas e colaboradores, por meio do Percurso Gerativo de Sentido, mostrando como se produz e se interpreta esse sentido, em um processo que vai do mais simples ao mais complexo, observados os diferentes níveis: fundamental, no qual se estabelecem as oposições semânticas, como aberto vs fechado, formal vs informal; narrativo, no qual estão os diversos modos de manipulação que se manifestam na relação professor-aluno: aquele detém o poder e o saber e utiliza estratégias para levar este a fazer as tarefas escolares. As ações desses sujeitos são reguladas por um percurso que envolve conjunção ou disjunção do objeto valor.

Palavras-chave: espaço escolar; Semiótica Discursiva; visibilidade.

Abstract: This work constitutes a cut of a doctoral research in progress and it aims to present an initial analysis of the text "school space" where the research is being developed. Space is seen as a form of social manifestation, not as "the place," an architectural structure or formed by rules that govern it, not delimited, fixed or static, but as a space of daily practices, where permanent exchanges, construction and interaction take place, in which there is integration of the different languages - verbal and visual and syncretic, constituted a whole of meaning between interlocutors. Space considered as a semiotic reality under construction, presented as a syncretic statement not belonging to the chain of spoken or written language, but which carries within it several meanings. As a theoretical-methodological course of analysis, we will use Discursive Semiotics of Greimas and collaborators, through the Gerative Route of Sense, showing how this meaning is produced and interpreted, in a process that goes from the simplest to the most complex, observing the different levels: fundamental, in which the semantic oppositions are established, as open vs closed, formal vs. informal; narrative, in which are the different modes of manipulation that are manifested in the teacher-student relationship: the one that holds the power and the knowledge and uses strategies to take this to do the school tasks. The actions of these subjects are regulated by a path that involves conjunction or disjunction of the value object.

Keywords: school space; Discursive Semiotics; visibility.

Introdução

O presente trabalho visa a apresentar o espaço escolar onde atuo como professora de Língua Portuguesa com alunos das séries finais do Ensino Fundamental (8º e 9º anos) e onde minha pesquisa de doutorado está sendo desenvolvida: a Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Joaquim Assumpção, sendo vista não apenas como um lugar, mas como manifestação social e, como tal, a ser analisada como um texto.

A Escola está bem localizada, na área central da cidade de Pelotas, próxima a vários pontos históricos, como Prefeitura, Praça Coronel Pedro Osório, Museu do Doce, Grande Hotel (Faculdade de Hotelaria da UFPel)... A bela construção arquitetônica, datada de 1927, marca a prosperidade da época, tendo o prédio sido tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e considerado Patrimônio Cultural – termo este utilizado, atualmente, para a preservação dos bens de interesse para determinadas culturas.

Nossa escola é um dos dois grupos escolares urbanos que, junto com várias escolas rurais foram construídos no período de 1924 a 1928, durante o governo do “abnegado incentivador à instrução pública em Pelotas” Intendente Dr. Augusto Simões Lopes (MAGALHÃES, 1990, fasc. III, p. 12).

Sendo um dos grupos urbanos a serem arquitetados à época, o Grupo Escolar Dr. Joaquim Assumpção juntamente com Grupo Escolar Dona Antonia foram construídos para serem modelos da cidade de Pelotas, suscitando, para tanto, uma ampla divulgação quando do surgimento da ideia da construção, todavia, com o tempo, somente nosso Grupo ganhou visibilidade e consolidou-se como a principal escola municipal construída no governo Augusto Simões Lopes.

Nossa Escola iniciou suas atividades pedagógicas 31 de julho de 1927 e já “nasceu” com visibilidade¹, não só pela construção, mas pelo que

¹ Visibilidade identificada como um valor associado à popularidade, alicerçada nos valores de liderança, dinamismo, conquista, inovação e modernidade. (OLIVEIRA, 2018)

representaria para a educação da época. Considerada a maior promessa da gestão do governo na época, pela grandiosidade do prédio projetado e pelas condições de ensino que se pretendia oferecer, a edificação escolar representou uma concorrência entre o governo municipal e o estadual, expressa por meio de inúmeras matérias na imprensa as quais apontavam o desenvolvimento da cidade de Pelotas e sobre como esta deveria ser seguida como modelo pelo governo estadual e por cidades do estado.

O Grupo Escolar Dr. Joaquim Assumpção representava uma alternativa do ensino municipal em relação aos Colégios Elementares Félix da Cunha e Cassiano do Nascimento, ambos estaduais, inaugurados em 1913. A ideia era de um grupo escolar municipal modelo e moderno, mais preparado, construído para atender a todas as necessidades apontadas pela pedagogia moderna. A escola se propunha a isso e mostrava as modernas instalações e o material pedagógico, ao mesmo tempo em que representava a manutenção da tradição de Pelotas ser uma cidade de vanguarda, ganhando destaque na imprensa à época

Parte-se do princípio semiótico de que a imagem do prédio também se configura um texto, apresenta relações com o mundo natural e passa a ter visibilidade, a ser vista como um meio em que é possível reproduzir com fidelidade as ideias do Intendente da época em querer se projetar, por meio do investimento na suntuosidade do prédio construiu uma imagem de um querer-ser-visto.

Segundo Marroni, tal visibilidade acontece por meio da mídia impressa local que era um meio, uma forma de dar visibilidade às transformações do cotidiano. Percebe-se, assim, como os discursos da mídia sobre o local e suas práticas traziam visibilidade. (MARRONI, 2008).

1. A Escola em questão: espaço de interlocução e interação



Figura 1



Figura 2

Assim, por ser a escola o contexto da minha pesquisa e por considerá-la como espaço de interlocução e interação, é preciso lançar um olhar sobre a significação desse espaço, ver como este se constitui e como se “constituem os sujeitos que ali habitam” (MAGRO, 2010), ou seja, espaço sociocultural considerados seus diversos significados.

Cabe destacar que é necessário entender aqui o espaço escolar não como “o lugar” visto apenas como uma estrutura física e arquitetônica ou aquele formado por normas que o regem, mas como um espaço de práticas diárias e de interação dos sujeitos que ali estão, espaço também humano e de interação, ou seja, unidade de sentido, portador de significação.

Não podemos ver a escola como um lugar de uma “forma silenciosa de ensino”² que passa muitas vezes despercebido por seus actantes. Consoante os pressupostos teórico-metodológico da semiótica discursiva, a escola não é “o lugar” apenas, pois não é estático; a escola é o espaço que se “traduz em vivências dos sujeitos”. É um espaço no qual os sujeitos vivem suas experiências sejam elas sociais, intelectuais ou sensíveis. Para Greimas e Courtés (2016, p. 178)

“[n]a medida em que a semiótica inclui em suas preocupações o sujeito considerado como produtor e como consumidor de espaço, a definição de espaço implica a participação de todos os sentidos, e exige que sejam tomadas em consideração

² Termo utilizado por Frago e Escolano, no livro “Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa” (2001).

todas as qualidades sensíveis (visuais, táteis, térmicas, acústicas etc.)”. (GREIMAS e COURTÉS, 2016, p. 178).

Vemos, então, que o espaço, para Greimas, não é delimitado, fixo, estático, é um espaço de trocas, de construção e interação permanente de seus actantes. O espaço aqui também (mas não só) é um texto no qual há a integração das diferentes linguagens verbal e visual – os desenhos, cartazes, avisos, escritos nas paredes e nas portas, dispostos pelos corredores e salas da escola – e sincrética, constituídos em um todo de sentido entre destinador e destinatário . Assim, a escola e tudo que ali vemos é um texto, é um espaço e, como tal, é uma forma de manifestação social, dotado, portanto, de sentido.

[Assim], a conceituação de texto como um produto não nos serve. Faz-se necessário, portanto, alargar a concepção de texto, que deve ser visto não como produto, mas como processo, como um evento, uma performance, ou como um jogo que está sendo jogado. (TERRA, 2019)

Segundo Greimas esse texto, como todo e qualquer texto, só existe na dualidade: objeto de significação e objeto de comunicação e, para pensarmos em uma análise semiótica, é necessário entendermos o Percurso Gerativo de Sentido de um texto em seus diferentes níveis: fundamental, narrativo e discursivo, dispostos em uma ordem que parte do mais simples e abstrato para o mais complexo e concreto. Esses níveis de estruturação do sentido servem para compreendermos o conteúdo.

Ao analisarmos o espaço escolar como um texto sincrético, fazendo o uso de diferentes linguagens, como um todo formado de sentido, de significação, encontraremos, tendo como referencial de análise, o Percurso Gerativo de Sentido, no nível fundamental (onde se encontram as estruturas elementares de significação), as oposições semânticas de base, como: aberto vs fechado. A sala de aula, um espaço fechado com regras (às vezes constitui-se espaço de opressão) cujo domínio é do professor e se opõe ao pátio e à quadra, espaços abertos, onde o sujeito “aluno” pode circular “livremente”. Aqui o pátio é o espaço do ser ele mesmo e do poder-fazer, é o espaço da liberdade; a “regra” é, então, aproveitar o tempo e fazer aquilo que não é possível fazer em sala de aula.(opressão vs liberdade)

Vemos, assim, que o espaço escolar apresenta diferentes formas de interação, onde se realizam variadas ações dos sujeitos.

Os diferentes espaços constituem diferentes modos de fazer entre os diferentes sujeitos. Os espaços abertos, como a quadra e o pátio, geralmente constituem um sujeito mais independente das regras escolares e querem ser vistos pela ideia de não interferência direta dos professores, em especial quando se encontram em horários de intervalos de aula. Já a sala de aula lhes impõe um outro modo de interação entre sujeitos em si ditado pelo dever fazer. (MAGRO, 2010)

Desse modo, a oposição formal vs informal apresenta-se também como espaço de interação, só que aqui determinado pelo dever-fazer e um não-poder-fazer. Neste espaço o que rege os sujeitos (professores e alunos) são os diferentes processos de manipulação, ora do não-dever-fazer, ora do dever.

Vemos, assim, que o espaço escolar é constituído de inúmeros outros espaços que se inserem na perspectiva do (não-) poder-fazer e do (não-) dever-fazer). Entre esses dois pontos, estão os espaços mais flexíveis pelos quais os estudantes transitam, quais sejam biblioteca, refeitório, laboratório de Ciências, de Informática, enfim, nesses, apesar de serem prescritos por normas, constituem-se espaços menos formais e contribuem para que esses educandos alinhavem atividades que não só da escola.

As interações que acontecem no espaço escolar podem ser vistas com o que Landowski denominou de ajustamento das sensibilidades. No texto, o autor afirma que

[...] a interação não mais se assentará sobre o *fazer crer*, mas sobre o *fazer sentir* – não mais sobre a persuasão entre inteligências, mas sobre o contágio, entre sensibilidades: fazer sentir que se deseja para fazer desejar, deixar ver seu próprio medo, e por esse fato mesmo, amedrontar, causar náusea vomitando, acalmar o outro com sua própria calma, impulsionar – sem empurrar! – só por seu próprio ímpeto, etc [...]. (2014, p. 51).

Todas as ações dos sujeitos são reguladas por um percurso, que vai, ora envolver conquistas, ora perdas do objeto valor. Vai ocorrer uma alternância de estados: eufórico ou disfórico. Ora o sujeito vai estar em

conjunção com o objeto de valor ora em disjunção desse objeto. A interação dos actantes é mediada e acontece justamente por intermédio daquilo que circula entre eles. A conjunção do sujeito com o objeto de valor é o que o faz “ser”.

Algumas Considerações

O texto “espaço escolar”, de que tratamos até agora, é um enunciado sincrético dotado de sentido, que não pertence à cadeia da linguagem falada ou escrita, mas que comporta em si várias significações.

Podemos dizer, então, que, no espaço escolar, acontecem os diversos modos de manipulação os quais se manifestam na relação professor - aluno: aquele detém o poder e o saber e utiliza estratégias para levar este educando (sujeito manipulado) a fazer as tarefas escolares. Aqui é o momento do fazer-fazer.

Desse modo, ao escolher o espaço como objeto de estudo, nos deparamos com uma multiplicidade de sentidos. E, como tal, se articula em torno de algumas categorias determinadas como as já mencionadas, mas também se incluem outras leituras: um distanciamento, um não querer aproximar-se, uma impessoalidade. É nesse cenário de oposições e manipulações, que detivemos nossa atenção, analisando, brevemente, o espaço escolar como um texto no qual cada leitor estabelece seu modo de agir, seu sentido, pois, como nos adianta Terra (2009) “o sentido não está no texto, mas é construído pelo leitor na interação”.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso**. Fundamentos semióticos. São Paulo: Atual, 1988.

GREIMAS, A. J; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2016.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**. Ensaio de Sociosemiótica. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

LANDOWSKI, E. **Interações Arriscadas**. São Paulo, Estação das Letras e das Cores, 2014

MAGALHÃES, Mario Osorio. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. 2ed. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas; Coedição Livraria Mundial, 1993.

MAGRO, Adriana R. **A significação do espaço escolar**. Vitória: UFES, 2010. Tese de Doutorado em Educação.

MARRONI, Fabiane Villela. **Pelotas (re)vista: a Belle Époque da cidade através da mídia impressa**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008. 271p.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. Visibilidade e identidade de São Paulo. Rearranjos figurativo-plásticos na resignificação dos valores. **Revista INTERIN**, v. 23, n. 1, jan./jun. 2018. Disponível em <https://seer.utp.br/index.php/i/article/view/623/pdf>. Acesso em abril 2019

OLIVEIRA, M. A. M.; TAMBARA, Elomar; AMARAL, G. L. . **As fotografias do arquivo do Grupo Escolar Dr. Joaquim Assumpção: imagens de práticas escolares no Grupo Escolar modelo do Governo de Augusto Simões Lopes (1924-1928) em Pelotas, RS**. Revista HISTEDBR On-line, v. 1, p. 19-36, 2009. Disponível em https://www.academia.edu/4584637/Fotografias_do_Arquivo_do_Grupo_Escolar_Dr._Joaquim_Assump%C3%A7%C3%A3o. Acesso em dez. 2018

TERRA, Ernani. Blogue do Ernani Terra. Um espaço para falar de Língua e Literatura. **Reflexões sobre a noção de texto I** <https://www.ernaniterracom.br/reflexoes-sobre-a-nocao-de-texto-i/>. Acesso em jun. 2019.

TERRA, Ernani. Blogue do Ernani Terra- Um espaço para falar de Língua e Literatura. **Reflexões sobre a noção de texto II**. Disponível em: <https://www.ernaniterracom.br/reflexoes-sobre-a-nocao-de-texto-ii/> Acesso em jun. 2019

Figura 1 - Disponível em https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Grupo-Escolar-Dr-Joaquim-Assumpcao-e-Escola-Garibaldi-Fonte-Relatorio-da_fig3_320724882. Acesso em jun. 2019

Figura 2 – Disponível em http://server.pelotas.com.br/xxx/dbpel/php_cadsec/fotos/bc56bad94fcd4b21046cfe4c35aaf32b.jpg. Acesso em junho de 2019